

OS HERÓIS UNEM-SE PARA SOBREVIVER

SKANDAR

E OS

DESAFIOS DO CAOS



A.F. STEADMAN

*Para a minha mãe, Helen,
que me ensinou a sonhar.*

A ILHA

TERRAS SELVAGENS

ZONA DO FOGO

CALDEIRA DE LAVA

ARENA

OÁSIS DO DESERTO

NINHO DA ÁGUA

VALES DOS SOCALCOS

QUATRO-CAMINHOS

ZONA DO AR

FLORESTA CELESTE





LAGO DOS
CARDUMES

ZONA DA ÁGUA



MERCADO
FLUTUANTE

INCUBADORA

PRAÇA DO
CONSELHO

GRUTAS
CINTILANTES

ROCHEDOS
ESPELHADOS

PRAIA DO
PESCADOR

ZONA DA TERRA

MONTANHA DO
DESASSOSSEGO

TERRAS SELVAGENS



ÍNDICE

Prólogo	xi
<i>Capítulo Um: As Sanduíches da Sally</i>	1
<i>Capítulo Dois: A Mutação Selvagem</i>	20
<i>Capítulo Três: As Pedras do Solstício</i>	40
Kenna — Felicidade	57
<i>Capítulo Quatro: O Desafio da Terra</i>	61
<i>Capítulo Cinco: A Montanha do Desassossego</i>	80
<i>Capítulo Seis: O Assalto à Incubadora</i>	95
<i>Capítulo Sete: Os Viandantes</i>	117
Kenna — Esperança	140
<i>Capítulo Oito: O Brilho da Alma</i>	146
<i>Capítulo Nove: A Febre das Alianças</i>	172
<i>Capítulo Dez: O Desafio do Fogo</i>	192
Kenna — Dúvida	212
<i>Capítulo Onze: A Fuga de Fairfax</i>	216
<i>Capítulo Doze: O Caos Natalício</i>	238
Kenna — Culpa	261
<i>Capítulo Treze: Surpresas de Aniversário</i>	266
<i>Capítulo Catorze: O Isco</i>	284
<i>Capítulo Quinze: O Desafio da Água</i>	300
Kenna — Solidão	318
<i>Capítulo Dezasseis: Traído</i>	323
<i>Capítulo Dezassete: O Festival do Ar</i>	351
<i>Capítulo Dezoito: O Presente de Agatha</i>	366
Kenna — Medo	383
<i>Capítulo Dezanove: Um Segredo</i>	387
<i>Capítulo Vinte: O Desafio do Ar</i>	405
<i>Capítulo Vinte e Um: Outra Margem</i>	423
Kenna — Nostalgia	440
<i>Capítulo Vinte e Dois: O Desgosto da Irmã</i>	442
<i>Capítulo Vinte e Três: Os Everharts</i>	464
<i>Capítulo Vinte e Quatro: O Regresso a Casa</i>	479
Epílogo	492
Agradecimentos	493



PRÓLOGO

A Comandante Nina Kazama veio inspecionar os danos provocados na Incubadora.

Ela não sabe.

O instrutor Rex Manning cavalga a seu lado, e o seu unicórnio prateado brilha quando o sol atinge o topo da falésia.

Ele não faz ideia.

Cinco sentinelas altivas guardam a ferida aberta na parte lateral relvada da Incubadora.

Elas não se aperceberam.

As sentinelas deixam que os dois cavaleiros mais importantes da Ilha se aproximem.

Ninguém reparou.

A Comandante Kazama espreita para a câmara interior.
Rex Manning, o novo líder do Círculo Prateado, junta-se a ela.
Eles não acreditarão no que os seus olhos veem.

A Comandante Kazama pisca os olhos, tentando ajustar-se à escuridão.

— Por que motivo os ovos para o próximo solstício não estão nos seus pedestais? — exige saber.

Mas as sentinelas estiveram a proteger o monumento de um ataque externo.

Continuam sem perceber que foi tudo em vão.

A Comandante sobe pelo buraco, espalhando terra solta com a pressa. Rex segue-a.

Todos os pedestais dos ovos na câmara interna estão vazios.
Cada um deles agarra nada mais do que ar.

Eles começam a suspeitar.

Rex é o primeiro a pensá-lo. Nina olha para ele e o medo corta-lhe a respiração. Os passos deles ecoam na câmara silenciosa, enquanto correm para o piso de armazenamento mais abaixo.

Não há ovos de unicórnio.

E para o piso abaixo desse.

Não há ovos de unicórnio.

E em todos os pisos: mais e mais para baixo, nas entranhas do monte ancestral.

Vazios.

E, por fim, eles entendem.

PRÓLOGO

Nenhum unicórnio incubará aqui durante treze anos.

Toda uma geração perdida de cavaleiros.

Agora, estão no topo da falésia, enquanto as ondas batem contra os Rochedos Espelhados mais abaixo.

— Ninguém pode saber — diz Nina. — Promete-me!

— Vamos encontrar os ovos — concorda Rex. — Nós os dois.

Contudo, a verdade cai como um manto pesado sobre o ar entre eles.

A Incubadora está vazia.



CAPÍTULO UM

AS SANDUÍCHES DA SALLY

Skandar Smith andava à procura de Destino do Patife. Outra vez. Poderia dizer-se que era impossível não saber onde estava um unicórnio sedento de sangue. Mas era óbvio que essas pessoas nunca tinham conhecido um que estivesse a começar o terceiro ano de treinos no Ninho da Águia. Durante o verão, o comportamento dos unicórnios Novatos tornara-se tão mau, que Skandar tinha quase a certeza de que eles estavam agora *completamente* fora do controlo dos cavaleiros. E isso incluía Destino do Patife.

Era o último dia de férias antes de os treinos recomeçarem. Skandar procurara Patife durante a maior parte da manhã: com a sela Shekoni equilibrada num braço e as rédeas enroladas à volta do outro. Agora, estava sentado na colina do Ninho da Águia, a arrancar mãos-cheias de relva em frustração. Patife andara a desaparecer o verão todo — Skandar não fazia ideia para onde —, mas tinham combinado cavalgar até Quatro-Caminhos para almoçar com o quarteto.

Como previsto, Bobby Bruna apareceu a descer a colina ruidosamente em Fúria do Falcão. Parecia uma detentora do ar bastante feroz: com as mangas do seu casaco coçado enroladas para cima e as penas cor de ardósia da mutação visíveis até aos cotovelos.

Fúria galopava em direção a Skandar, e Bobby esperou só um pouco *demais* para abrandar. A boca de Bobby contorceu-se quando Skandar se levantou atabalhoadamente, alarmado. Aí estava a confirmação: ela fizera mesmo de propósito.

— Já o encontraste, rapaz do espírito? — perguntou Bobby, ignorando o rosto pálido de Skandar.

Este considerou queixar-se da condução perigosa dela, mas era quase hora de almoço e uma Bobby com fome não era uma Bobby feliz.

Em vez disso, suspirou.

— Népia. Vão andando sem nós.

— Mas vamos encontrar-nos com a tua irmã a seguir, lembra-te? À porta da Fortaleza. — Bobby deixou cair as rédeas, para que Fúria pudesse apanhar um coelho que passava.

Skandar estremeceu com o som dos ossos esmigalhados do coelhinho.

Bobby ignorou-o.

— Temos de ir agora se quisermos almoçar naquele sítio *inacreditável* que eu encontrei. Fica muito cheio!

— Continuo sem perceber porque é que não nos podes dizer o nome.

— É uma surpresa — disse ela, de forma evasiva. — Hum... desde quando é que *ele* se atrasa?

Mitchell Henderson cavalgava na direção deles em Alegria da Noite Rubi. Parecia mais um demónio do que um unicórnio: a sua

crina e cauda flamejavam intensamente, bem como os olhos e os cascos. Mas Skandar quase não reparou, porque o seu próprio unicórnio, Destino do Patife, trotava alegremente ao lado da sua melhor amiga ferosa.

— Cá estás tu! — Skandar abraçou o pescoço ónix de Patife, com um misto de alívio e repreensão.

O unicórnio agitou a cabeça com alegria, a marca branca do espírito sob o seu chifre a cintilar à luz do sol. O vínculo vibrou com a alegria partilhada que sentiam por estarem de novo juntos, embora Skandar tivesse ficado menos contente ao reparar que a pelagem negra de Patife — que ontem estivera a brilhar — estava coberta por uma espessa camada de pó.

— Porque é que ele está tão nojento? — perguntou Bobby, enquanto Fúria se chegava para o lado: ela detestava pó.

— Odeio interromper — disse Mitchell sarcasticamente. — Mas ninguém vai perguntar se *eu* estou bem?

Por algum motivo, o fecho do casaco verde de Mitchell desaparecera e o casaco estava aberto, revelando a pele castanha do seu peito.

Bobby troçou.

— Não te rias, Roberta. Estou a avisar-te.

— O que aconteceu? — perguntou Skandar amigavelmente. Mitchell suspirou, com a mutação do seu cabelo flamejante a ondear.

— Aconteceu a Rubi. Ela tem andado a pegar fogo a coisas o verão todo; e agora expandiu os seus alvos para me incluir a *mim*.

Skandar franziu o sobrolho.

— Mas ela não te magoaria, pois não?

Era verdade que os unicórnios do quarteto se tinham tornado mais caóticos nos últimos tempos, mas de certeza que não magoariam intencionalmente os seus próprios cavaleiros.

— Foi por isso que tirei a t-shirt! — disse Mitchell, exasperado. — Acharam que eu estava só com calor?

— Eu... — Skandar olhou de relance para Bobby, que mordida a mão para se impedir de rir. — Não estou a perceber.

— A Rubi chamuscou o tecido à volta do fecho do meu casaco, para eu não poder voltar a usá-lo — enfureceu-se Mitchell. — A seguir, fez o mesmo à minha t-shirt, e queimou aquela que eu tinha a mais antes de a poder vestir. Consigo sentir através do vínculo que ela acha tudo isto hilariante. Só parou quando eu fiquei sem roupa na parte de cima!

— Espero que a Rubi não comece nas calças dele a seguir — murmurou Bobby para Skandar, que tentou esconder o sorriso.

— O que estão a cochichar? — quis saber Mitchell.

Bobby recuperou depressa.

— Vamos, já estamos atrasados para o almoço. A Flo vai ter connosco a Quatro-Caminhos depois de deixar a Kenna. Também convidei o bardo-ferreiro.

Os olhos de Mitchell ficaram esbugalhados.

— O *Jamie* estará lá? Isto é um desastre. — Apontou para o seu casaco destruído, o pin do fogo a refletir a luz ao sabor da brisa.

Skandar teve uma ideia.

— Porque é que não atas a corda guia do Patife à tua volta? — Ele passou-a a Mitchell. — Pelo menos, o casaco fica fechado.

Mitchell fitou a corda azul com suspeição, mas pareceu perceber que, se queria chegar ao almoço a horas, não tinha alternativa. E ele odiava chegar tarde.

AS SANDUÍCHES DA SALLY

— Podes começar uma nova moda — disse Bobby maldosamente.

— Oh, cala-te! — ripostou Mitchell, enquanto apertava a corda à volta do tronco.

Skandar montou Patife e seguiu os outros pela colina do Ninho da Águia abaixo, em direção à principal rua comercial de Quatro-Caminhos. Ficou contente ao ver que muitas das coloridas casas nas árvores — em tons de vermelho, azul, verde e amarelo — tinham sido reparadas depois da destruição elemental durante o seu ano como Filhote. E, ao longe, a Lança da Fortaleza Prateada rasgava novamente os céus.

Mas muitos outros edifícios na Ilha ainda tinham de ser reparados, e Skandar ainda se sentia um pouco desgostoso por tudo o que acontecera em junho. No solstício de verão, a Ilha estivera a minutos de se destruir com a sua própria magia desequilibrada: consequência de o Círculo Prateado ter matado unicórnios selvagens. Skandar, Bobby, Flo e Mitchell tinham conseguido perceber como salvar a Ilha, ao conquistar o bordão de osso do Primeiro Cavaleiro e da sua Rainha dos Unicórnios Selvagens. Mas, a seguir, Skandar defrontara um pesadelo que estava para lá de tudo o que ele pudesse imaginar. A sua irmã Kenna fora vinculada a uma cria de unicórnio selvagem. A Tear — mãe deles — forjara um vínculo para a filha igual ao dela.

A Comandante Kazama, horrorizada mas justa, permitira que Kenna permanecesse com Skandar enquanto se tomava uma decisão sobre o futuro dela com o unicórnio selvagem. A princípio, Skandar tentara ver o lado positivo. Fora maravilhoso escrever ao pai a dizer-lhe que Kenna estava no Ninho da Águia. Mas assim que a poeira assentara, começara a preocupar-se

com o vínculo forjado em torno do coração da irmã. Tinha iniciado a procura do unicórnio destinado a Kenna — o unicórnio ruço — nas Terras Selvagens, nos seus sonhos de Remendeiro. E quanto mais Nina adia tomar uma decisão, mais ele se interrogava se havia um modo de trazer aquele unicórnio — aquela vida — de volta para Kenna.

— Estás a pensar em alguma coisa com uma seriedade invulgar — observou Bobby, uma Fúria cinzenta cor de ardósia a acertar o passo junto a Patife.

— Como é que sabes?

— Ficas com uma mozza na testa — disse ela. Bobby podia ser barulhenta, mas prestava atenção silenciosa aos sentimentos das pessoas, sobretudo aos de Skandar.

— A minha irmã — disse ele simplesmente. Ainda não estava pronto para dizer nada sobre unir Kenna ao seu unicórnio destinado. Precisava de mais informação.

— O que *está* a Nina a engendrar? — explodiu Bobby. — Adiar assim tanto não é nada característico de uma detentora do ar. Ela que decida de uma vez! O que pensa ela que estas investigações mostrarão? Que a Tear está escondida nos alforjes da Kenna?

Bobby ficara furiosa desde o início com os testes realizados em Kenna e na sua cria de unicórnio selvagem na Fortaleza Prateada: a base do Círculo Prateado. Troçava sempre que Flo dizia que o novo líder do Círculo Prateado — Rex Manning — era muito mais simpático do que o seu pai, Dorian Manning, fora.

«Bem, isso não é propriamente difícil, pois não?», acabara por retorquir Bobby. «O pai do Rex quase destruiu a Ilha o ano passado. Prendeu-nos a *nós* pelos assassinatos dos unicórnios que *ele* cometeu.»

Skandar também não gostava que Kenna estivesse atrás da muralha de escudos da Fortaleza. Um grupo exclusivo de cavaleiros com unicórnios prateados, o Círculo Prateado era a organização mais poderosa da Ilha. A sua rivalidade com os detentores do espírito remontava há séculos.

«A Fortaleza é o local mais seguro para fazer os testes, Skar», insistira Flo. «Para a Kenna e para o resto da Ilha. As feridas provocadas pela magia de um unicórnio selvagem nunca saram, lembraste?»

Agora, cerca de um mês depois, Skandar contentara-se em aceitar que Flo estava certa. Kenna era chamada regularmente à Fortaleza e nunca lhe parecia acontecer nada de mal. Fora questionada sobre o seu tempo com a Tear, interrogada sobre o seu vínculo forjado e depois fora-lhe pedido que tentasse usar magia elemental. As sentinelas não deixavam que Kenna montasse; só lhe permitiam colocar a palma da mão no pescoço do seu unicórnio selvagem. Até agora, não fora capaz de evocar nem uma só faísca.

— Alguma vez te questionas — perguntou Bobby a Skandar, enquanto caminhavam lado a lado — o que a Kenna andou a fazer com a Tear durante todo aquele tempo? — Parecia hesitante, menos segura de si do que era habitual.

— A Kenna disse-nos que elas quase não falaram; a Tear estava focada em preparar-se para forjar o vínculo — disse Skandar rigidamente. — E eu acredito nela.

— É óbvio que eu também acredito, mas... porque é que a Erika Everhart forjaria um vínculo para a sua filha e depois a abandonaria para subir até ao Ninho da Águia? Não me parece muito... da Tear.

— Não — disse Skandar de modo sombrio. — Não parece. Mas tenho a certeza de que a Kenna nos disse tudo aquilo que sabe. Ela agora compreende quão maléfica a Tear é. Quer estar no Ninho da Águia para treinar como cavaleira de unicórnio; tal como sempre sonhámos.

Embora um unicórnio selvagem não fosse o que nenhum deles tivesse imaginado, pois não?

Bobby apontou e disse:

— Por aqui!

Os três amigos viraram na rua comercial e entraram num matagal de árvores com uma série de restaurantes nos ramos. Conversas descontraídas enchem o ar, além do tilintar de talheres. Os aromas eram de deixar água na boca. O estômago de Skandar rugiu quando passaram pelos Tacos da Ilha, mas também viu opções de pizza, caril, tapas, faláfel, *ramen*, frango assado e até panquecas.

As conversas acima deles mudaram de repente: as vozes murmuravam em assombro.

— É o prateado do Ninho da Águia!

— A filha do Olu Shekoni.

— Vejam só o brilho daquele unicórnio!

Flo Shekoni chegara. Sabre de Prata cintilava pela rua estreita para ir ao encontro do resto do quarteto. Os unicórnios prateados eram raros e poderosos na Ilha, e Sabre nunca deixava de inspirar maravilhamento, por mais que Flo detestasse a atenção.

A detentora da terra encontrou o olhar de Skandar primeiro e sorriu de modo tranquilizador.

— A Kenna está bem; mais do que bem. Quando a deixei na Fortaleza, o Rex disse que é provável que esta seja a última vez que ela é chamada para testes.

AS SANDUÍCHES DA SALLY

O coração de Skandar encheu-se de esperança. Talvez o novo líder do Círculo Prateado fosse realmente uma melhoria?

Flo olhou para Mitchell, que reatava a corda guia de Patife à volta do casaco. Ela ergueu uma sobranceira inquiridora para Skandar.

Ele riu-se.

— Conto-te mais tarde.

Sabre seguiu atrás de Patife, e Flo inspirou profundamente.

— Cheira tudo tão bem! A minha mãe diz sempre que a comida melhorou muito na Ilha depois do Tratado.

Skandar inclinou-se sobre a asa de Patife, lendo alguns dos menus afixados nos troncos das árvores. Sentiu-se um pouco intimidado. Nunca experimentara a maior parte das opções, e sabia que isso não se devia ao facto de ser um continental. Durante a sua infância, não houvera dinheiro para jantar fora.

Enquanto Flo, Mitchell e Bobby tagarelavam sobre comidas de que ele mal ouvira falar, Skandar passou os dedos pela crina de Patife. O unicórnio negro bramiu suavemente, com o seu estômago a vibrar sob as pernas de Skandar. E, de repente, não conhecer tipos diferentes de comida pareceu ter muito menos importância. Patife não queria saber de nenhuma dessas coisas.

— Vejam só se não é o bardo-ferreiro! — O grito audível de Bobby fez com que Skandar olhasse para cima.

— *Por favor*, não me chames isso — resmungou Jamie, enquanto se aproximava dos quatro cavaleiros.

— Estás muito giro, Jamie — disse Flo.

Não havia sinal do avental de couro de ferreiro com bolsos a chocalharem com ferramentas; não havia sinal das manchas de fuligem por trabalhar na forja. Até usava uma camisa verde.

— Ai sim, achas? Obrigado — disse Jamie distraidamente, passando uma mão pelo seu cabelo castanho-dourado. Os seus olhos, um castanho e outro verde, encontraram Mitchell, que paralisara a meio do processo de desmontar do dorso de Rubi. — Precisas de ajuda? — perguntou, com a sombra de um sorriso nos lábios.

Mitchell largou a parte da frente da sua sela Taiting e deixou-se cair no chão.

— N-não, estou bem, estou ótimo, estou excelente — gaguejou, empurrando os óculos castanhos para o topo do nariz, enquanto tentava desesperadamente ajustar o casaco.

O olhar de Jamie pousou sobre a corda guia azul à volta do tronco de Mitchell.

O cabelo flamejante de Mitchell brilhou com mais intensidade.

— Hum, sim, é uma longa história. Foi a Rubi, ela...

— TCHARAAAN! — gritou Bobby.

Tinham chegado a um sítio chamado Sanduíches Suculentas da Sally. Bobby apontava um dedo para o menu preso ao tronco da árvore, com um sorriso de orelha a orelha. Flo e Skandar trocaram um olhar, confusos.

Mitchell estava indignado.

— Estás a dizer-me que o teu grande plano para este almoço, este almoço a que me fizeste vir *meio vestido*, é uma loja de sandes?

— Não é uma loja de sandes, Mitchell. A Sally tem uma loja de sanduíches *gourmet*. Um *restaurante* de sanduíches, se quiseses. — Bobby fitou o menu com um ar apaixonado.

— A Sally tem categoria — concordou Jamie. — Para ser sincero, venho cá muitas vezes.

AS SANDUÍCHES DA SALLY

— Bem, é evidente que não há nada de *errado* com sanduíches — disse Mitchell rapidamente.

Skandar e Flo desmontaram para poder ler o menu.



— Estás a gozar comigo — disse Skandar, já a rir-se.

— Bobby, como conseguiste que a Sally concordasse com isto? — perguntou Flo, claramente a temer que tivesse envolvido chantagem.

É que o quarteto conhecia muito bem as sandes de emergência de Bobby. Manteiga, queijo, compota de framboesa e *Marmite*. Mitchell estava de queixo caído.

— Mas as tuas sanduíches são um perigo para a saúde.

— A Sally diz que têm tido muita saída — anunciou Bobby com orgulho. — Vamos! — Prendeu as rédeas de Fúria num dos aros de metal colocados para os clientes cavaleiros e subiu

a escada da loja, três degraus de cada vez, deixando que os outros a seguissem.

Dentro da casa na árvore, havia uma mulher atrás do balcão.

— Vejam só se não é a nossa criadora da sanduíche do mês — disse ela amigavelmente quando o quarteto se aproximou. Tinha cabelo preto encaracolado, um avental da cor do arco-íris e um rosto sorridente, ligeiramente cor-de-rosa.

— Olá, Sally! — Bobby oscilava nos dedos dos pés, com a sua pele morena corada de excitação. — Cinco Sandes de Emergência, por favor.

— Hum, Bobby, na verdade queria ver se pedia aquela da maionese — disse Skandar depressa.

— Frango da zona do fogo para mim — disse Mitchell.

— Eu queria o camarão especial — acrescentou Flo com a consciência pesada.

Sally fez um som de desaprovação.

— Vocês é que perdem. A Emergência é a nossa sandes mais vendida.

— Mas alguém a pede duas vezes? — murmurou Mitchell para Skandar.

No final, Jamie concordou em experimentar a sanduíche de Bobby se ela promettesse parar de lhe chamar bardo-ferreiro. Jamie nunca desejara seguir as pisadas dos pais e tornar-se bardo, apesar de ter cantado o seu canto verdadeiro em junho.

Era evidente que a loja das sanduíches era popular. Eles encolheram-se para passar pelo ferreiro de Fúria, Reece, que vinha a entrar e grunhiu um cumprimento para Bobby. Era mais velho, tinha uma barba grisalha e não era particularmente

AS SANDUÍCHES DA SALLY

amistoso. A história era semelhante com a ferreira de Rubi, que fizera a armadura para quatro cavaleiros diferentes durante a sua carreira. Ao contrário de Jamie, eles não tinham interesse em tornar-se amigos dos Novatos.

Só restava uma mesa na plataforma exterior. Jamie acenou para um grupo particularmente barulhento, e uma mulher jovem aproximou-se, com a sanduíche na mão. Tinha cabelo loiro-vivo, preso num rabo de cavalo.

— Esta é a Clara — apresentou-a Jamie, com respeito na voz.
— É a ferreira do unicórnio da Comandante.

Mas Clara estava a olhar para Mitchell.

— O que aconteceu a isso? — perguntou ela, apontando para o casaco chamuscado.

Jamie respondeu para poupar Mitchell ao embaraço.

— Ele é um Novato do Ninho da Águia.

— Ahhh. Terceiro ano. Deviam ter visto quão rebelde era a Fraude do Relâmpago no início dos Desafios do Caos da Nina; mal conseguia pôr-lhe a armadura.

— Então, este comportamento é normal? — perguntou Mitchell com timidez.

— Muito — tranquilizou-o Clara.

— E um unicórnio que desaparece sempre que lhe apetece? — perguntou Skandar em voz baixa.

— É mais raro, mas não te preocupes.

— A Fúria não mudou minimamente — disse Bobby. — Continua perfeita.

— Não é bonito gabares-te, Bobby — ralhou Flo.

— Quais são as últimas novidades da Nina? — Jamie parecia algo preocupado.

— Tudo igual — suspirou Clara. — Ela desaparece durante horas todos os dias, mas sei que não está a treinar porque nunca usa armadura. A Fraude chega exausta. A Nina regressa deprimida.

— O que se passa com ela? — perguntou Skandar, pensando em Kenna e na decisão que estava a ser tomada em relação ao seu futuro.

— Não faço ideia. — Clara encolheu os ombros, e as ferramentas nos bolsos do seu avental chocalharam. Virou-se na direção de Flo. — O teu pai tentou falar com ela, mas ela anda a evitá-lo.

O pai de Flo era Olu Shekoni, o melhor seleiro da Ilha. Tal como Skandar, Nina tinha uma sela Shekoni.

— Se a Nina continuar assim, nunca se qualificará para a Taça do Caos este ano. — Clara parecia frustrada. — Era suposto tentarmos o *hat-trick*. Nunca ninguém o fez!

Skandar sentiu um aperto no estômago. A outra única Comandante que estivera perto de vencer três Taças do Caos fora a sua mãe, Erika Everhart, e o seu unicórnio, Lua Sangrenta do Equinócio. Mas a seguir, Lua Sangrenta fora morta a meio da corrida durante a terceira tentativa e Erika abraçara a escuridão do seu unicórnio selvagem, tornando-se a Tear.

— Estás bem, Skar? — perguntou Flo suavemente, enquanto os outros continuavam a falar com Clara. — Estás preocupado com o início dos treinos amanhã? O Mitchell tem a certeza de que os instrutores nos vão dizer mais sobre os Desafios do Caos.

— Um pouco — disse ele, mas sem convicção.

Todos os outros Novatos tinham tentado descobrir o máximo que podiam sobre os desafios que enfrentariam durante o seu terceiro ano. Especialmente porque — tal como na Prova de Treino

e na Justa dos Filhotes — precisavam de passar os Desafios do Caos para permanecer no Ninho da Águia. De acordo com os amigos mais velhos de Skandar da Sociedade Peregrina, os desafios do terceiro ano ocorriam nas zonas elementais. Mudavam todos os anos para que fosse impossível prepararem-se.

Claro que isso não impedira Mitchell de estudar os Desafios do Caos anteriores durante todo o verão. Mas quando passara da pesquisa nos livros e pedira a Juvenis e Rapinas de carne e osso que descrevessem as suas experiências, muitos não tinham tido vontade de falar. Flo temia que eles estivessem traumatizados. Bobby dissera que mantinham segredo para reduzir a competição para as Taças do Caos futuras. Mas Skandar não prestara verdadeiramente atenção; andara a fazer as suas próprias investigações.

— Vou só falar com o Craig por um instante — disse Skandar, reparando no livreiro do outro lado da plataforma.

Craig era o dono da Capítulos do Caos. Ele era amigo dos detentores do espírito e reunira o conhecimento dos cavaleiros mais velhos, cujos unicórnios do espírito tinham sido executados quando o seu elemento fora declarado ilegal. Era também a outra única pessoa que conhecia a esperança secreta de Skandar de juntar Kenna ao seu unicórnio destinado.

Mesmo antes de se aproximar de Craig, a memória de Kenna a aparecer no Ninho da Águia em autodestruição voltou a surgir e Skandar ficou paralisado. Uma vez mais, ouviu Kenna confrontá-lo com todas as mentiras que ele lhe tinha dito: sobre o seu elemento aliado, sobre a mãe deles. Ele tentara explicar que era um Remendeiro — um detentor do espírito que conseguia usar os sonhos para encontrar e vincular um cavaleiro ao unicórnio

que ele devia ter incubado. Tentara dizer que sonhara com um unicórnio selvagem ruço que fora destinado a *ela*. Mas fora tudo demasiado tarde. O estômago de Skandar deu uma volta quando se lembrou do olhar distante no rosto de Kenna, o olhar que o fizera pensar que a tinha perdido para sempre.

Mas depois dissera o quanto lamentava. E Kenna tinha-lhe contado que ficara tão desesperada por um unicórnio que abandonara o Continente com o então líder do Círculo Prateado, Dorian Manning, apenas para fugir dele e ser atraída pelas promessas da mãe deles. Então, com todos os seus erros às claras, os irmãos tinham-se perdoado mutuamente.

— O que *tem* isto? — perguntou Craig, quando viu Skandar perto da sua mesa. Ele inspecionava a compota e o *Marmite* que transbordavam do pão.

A pergunta tirou Skandar da sua memória. Riu-se.

— Não queiras saber.

— Como está a Kenna? — perguntou Craig gentilmente, fazendo sinal para que ele se sentasse numa cadeira.

— Novamente na Fortaleza. — Skandar fez uma inspiração profunda. — Descobriste alguma coisa?

Craig abanou a cabeça, fazendo o seu carrapito oscilar.

— Nenhum dos detentores do espírito com quem falei até agora sabe nada sobre vínculos forjados, muito menos se podem ser quebrados. Eles nem sequer tentaram quebrar um vínculo destinado; matar um unicórnio vinculado é crime há séculos. E sabemos a confusão que pode resultar de matar um unicórnio *selvagem*.

Ouviu-se um som de vômito.

Mitchell chorava de tanto rir.

— Eu avisei!

AS SANDUÍCHES DA SALLY

Jamie dera uma dentada na sua sandes de emergência.

— Se calhar vou guardar a minha para mais tarde — disse Craig cheio de tato, enquanto se levantava para se ir embora. — Vou continuar a procurar a resposta, mas tens de pensar até onde estás disposto a levar isto. A Kenna adora aquele unicórnio selvagem, não adora? — Os olhos castanhos do livreiro perscrutaram os de Skandar.

— Eu sei, mas... ainda nem decidi se vou dizer alguma coisa — declarou Skandar, hesitante. — Depende de como as coisas correrem para a Kenna, sabes? Tenho de a manter segura.

— Segura não é sempre o mesmo que feliz, Skandar — avisou Craig. — Lembra-te disso.



O quarteto esperou para se encontrar com Kenna Smith no final da avenida de bétulas-brancas. Só estavam ali há alguns minutos quando Patife e Rubi se uniram para incinerar um ramo acima de Fúria, fazendo-a guinchar de indignação. A seguir, enquanto ela sacudia cinzas da sua crina perfeitamente escovada, o escudo da entrada da muralha da Fortaleza Prateada levantou-se.

Uma cavaleira solitária apareceu, a guiar uma cria de unicórnio selvagem.

Skandar fitou os olhos de Revolta do Açor. O embate de olhares só durou alguns instantes antes de ele pestanejar, tremendo apesar da tarde quente de setembro. Os olhos do unicórnio selvagem estavam repletos de sombras infindáveis e sofrimento imortal. Revolta do Açor estava condenada a uma vida de morte. E a irmã de Skandar, com um grande coração e bastante *viva*, estava vinculada a ela.

Tal como Patife quando era Cria, o unicórnio selvagem crescera para o tamanho de um cavalo durante os dois últimos meses. Mas era aí que as semelhanças terminavam. O chifre de Patife era negro como a sua pelagem brilhante; o de Revolta era transparente e fantasmagórico, e a sua pelagem cor de mel já estava baça e a cair. Depois de dois anos de treino no Ninho da Águia, os músculos de Patife vibravam, as suas asas eram poderosas e cobertas de penas. Mas os ossos de Revolta estavam visíveis em alguns sítios — duas vértebras ossudas no dorso, cinco costelas finas que subiam e baixavam quando andava, os indícios de um fémur quando levantava a perna dianteira. Algumas das penas da asa já tinham caído, criando zonas curtidas, como se pertencessem a um morcego enorme e não a uma grande ave de rapina.

É que Revolta do Açor seria sempre selvagem. O seu vínculo fora forjado, não destinado. Revolta estivera destinada a outro cavaleiro que nunca chegara à Incubadora, no solstício de verão do seu décimo terceiro ano. E Kenna estivera destinada a um unicórnio diferente — o ruço —, que ainda estava sozinho nas Terras Selvagens.

Enquanto a irmã sorria para Skandar, o aviso de Agatha Everhart sobre o vínculo do unicórnio selvagem de Kenna regressou-lhe à mente: *Vê o que aquele vínculo forjado fez à Erika... Cinco alianças a puxarem-te para caminhos diferentes... Cinco formas de o poder do unicórnio dominar.*

Skandar sempre sonhara que Kenna viria para a Ilha e que, juntos, se tornariam cavaleiros do Caos. Mas e se a Ilha acreditasse que ela era demasiado perigosa para ser um deles? E se o Ninho da Águia a excluísse? O que faria Skandar nessa altura?

AS SANDUÍCHES DA SALLY

O pensamento assustava-o, e a sua mente regressou de novo aos seus planos incompletos, à possibilidade de um futuro diferente para a irmã. Resolveu dormir no estábulo de Patife essa noite e encontrar o unicórnio ruço através de um sonho de Remendeiro. Para se assegurar de que o unicórnio *destinado* de Kenna estava a salvo.

Pelo sim, pelo não.

COM AS FORÇAS DO MAL A APROXIMAREM-SE,
SKANDAR ENFRENTA O SEU MAIOR DESAFIO.



Prepara-te para heróis improváveis, magia elementar, batalhas no céu, segredos antigos e unicórnios ferozes, nesta nova aventura que vai fazer o teu coração disparar.

A fantástica série bestseller *Skandar* é perfeita para todos os leitores que amam o fantástico.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 penguinkids

 penguinlivros

ISBN 9789897874819



9 789897 874819 >